



PIERRE BOURDIEU E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: REFLEXIVIDADE CRÍTICA E COMPORTAMENTO ANÁLITICO EM GESTORES E COLABORADORES

SERIGNE ABABACAR CISSE BA^{1,3}, VAGNER ROSALEM^{1,3}, ANDRÉ VASCONCELOS DA SILVA^{1,3},
GLEIBER COUTO SANTOS^{2,3}, PAULO ALEXANDRE DE CASTRO^{3,4}

1. *Departamento de Administração, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás*
serigneababacar@hotmail.com, vagner@hotmail.com,
profandrevs@hotmail.com
2. *Departamento de Psicologia, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás*
gleibercouto@yahoo.com.br
3. *Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás*
serigneababacar@hotmail.com, vagner@hotmail.com,
profandrevs@hotmail.com, gleibercouto@yahoo.com.br,
padecastro@gmail.com.
4. *Departamento de Física e Mestrado Profissional em Ensino de Física, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás*
padecastro@gmail.com

Recebido em: 28/10/2014 – Aprovado em: 05/11/2014 – Publicado em: 06/11/2014

RESUMO

O presente ensaio tenta trazer à tona uma análise do aporte potencial dos trabalhos do sociólogo e pensador francês Pierre Bourdieu para as ciências das organizações. Os principais conceitos de sua sociologia estão apresentados, antes de colocar em evidência algumas pistas de possíveis aplicações na ciência administrativa. A dimensão crítica de sua obra valoriza a parte de reflexividade no trabalho do pesquisador no sentido de renovar suas práticas científicas que são postas em questão. O ensaio vem trazer à tona uma possibilidade de inserção dos trabalhos de Bourdieu na leitura do cotidiano organizacional e criar assim uma ruptura com a tese segundo a qual apenas podem-se compreender os fenômenos organizacionais a partir das teorias clássicas da administração. O ensaio vem contribuir para outra possibilidade de leitura a partir de um novo aporte teórico. Esperamos que essa reflexão venha contribuir mais nos estudos organizacionais.

PALAVRAS-CHAVE :Bourdieu, estudos organizacionais, reflexividade crítica.

ABSTRACT

This essay tries to analyze the potential brought by the publications of the French sociologist Pierre Bourdieu for the management sciences. The main concepts of its sociology are presented, before putting in evidence some ways of possible applications in management sciences. The critical dimension of its works valorize the part of reflexivity in his job in the way to renovate its scientific practices are put in question. The essay brings the possibility of insertion of Bourdieu's jobs in the reading of organizational day-to-day and create so a rupture with the thesis that we can only understand the organizational phenomenon from the classic theories of management. This essay contributes to another possible reading from the new theoretical contribution. We would like with this essay to bring our contribution in the organizational studies e help the decision takers in their day-to-day actions so to help them understanding better their functioning.

KEYWORDS: Bourdieu, organizational studies, critical reflexivity.

INTRODUÇÃO

Os grandes autores em sociologia apresentam costumeiramente importantes potencialidades para as ciências das organizações e muitos deles tanto clássicos como contemporâneos são citados em abundância. No Brasil, nota-se nos últimos tempos principalmente em dissertações de mestrado e teses de doutorado que os sociólogos franceses têm sido cada vez mais utilizados. Tais sociólogos fornecem quadros teóricos robustos, os quais têm sido testados empiricamente comumente e sistematicamente em seus campos de origem.

Dentre os sociólogos franceses, Pierre Bourdieu, herdeiro dos grandes pensadores europeus como Emile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, ocupa um lugar significativo e singular. A diversidade dos objetos empíricos de suas pesquisas esconde em seu bojo a unicidade do quadro teórico cujas bases foram lançadas no início dos anos sessenta, mesmo que a evolução da obra de bourdieusiana tenha sido marcada por algumas contradições e certa heterogeneidade (CORCUFF, 2003).

Desde o início dos anos 2000 e mais particularmente desde sua morte em janeiro de 2002, a aura de Pierre Bourdieu nas ciências da gestão não parou de crescer, mesmo que esse fato tenha sido não muito comum no seu próprio país, nota-se a existência de um "efeito" Bourdieu. A consagração de um simpósio que lhe foi dedicado pela Academy of Management (LECA, 2005) foi uma demonstração onde pudemos notar a presença de mais de duzentos pesquisadores. Como exemplo, Bourdieu foi citado em mais de 55 artigos do *Human Relations* entre janeiro de 2000 a janeiro de 2009, em 48 textos de *Organization* entre fevereiro e setembro de 2007 ou ainda em 35 artigos de *Organization Studies* entre março 2003 e setembro 2008.

Portanto, o empréstimo em trabalhos de Bourdieu nesses campos de pesquisa não é algo novo. Textos precursores como os de Ranson, Hinnings e Greenwood (1980), de Willmott (1981) e de DiMaggio (1983) nas teorias das organizações ou de Anderson (1983) em Marketing tem aberto o caminho. A irrupção de Bourdieu nas ciências de gestão tem sido particularmente notada nos anos 1990. Notamos também muitas publicações na área de Marketing (FIRAT et VENKATESH, 1995; HOLBROOK, 1999; HOLT, 1995) mas também na área de administração (BRADBURY et LICHTENSTEIN, 2000; FELDMAN, 2000). Tal sucesso se deve sem dúvida ao

caráter impressionante e ambicioso da obra e do potencial que representa para as ciências administrativas. De fato, o projeto bourdieusiano que visa analisar os fenômenos de reprodução, e denunciar a lógica de dominação, permite demonstrar os efeitos violentos que exercem exercidas pelas estruturas sobre os agentes. Para além das relações econômicas entre classes sociais, o autor sublinha também a predominância das dimensões histórico-culturais e simbólicas. Uma leitura histórica mostra que desde os primeiros trabalhos na Argélia (1958, 1963, 1964) até as últimas publicações empíricas (2000), teóricas (2001^a) ou militantes (2001b), nota-se sempre a postura crítica nas obras. Neste sentido, a finalidade sempre foi de desvelar as dominações.

Esta sociologia abre então uma brecha para as bases de uma abordagem crítica em ciências de gestão na França cuja preocupação não seria a de um conhecimento *para* o management, mas aquela de um conhecimento *do* management (ALVESSON e WILLMOTT, 2003). Ela constitui de fato um referencial para analisar e evidenciar as práticas gerenciais e de dominações que nele decorrem, mas desenha igualmente linhas de ação para os pesquisadores (GOLSORKHI, 2006).

O objetivo dessa reflexão é de sublinhar o caráter promissor dessa obra para as ciências das organizações. Após apresentar os principais conceitos dessa sociologia, enfatizaremos no caráter sistemático enunciado.

A VOLTA ÀS ORIGENS: OS CONCEITOS BOURDIEUSIANOS

A teoria bourdieusiana pode ser explicitada graças a um número restrito de conceitos interdependentes e em constante interação. Para apreender o funcionamento da teoria, faz-se mister caracterizar esses conceitos. Evidentemente, a sociologia bourdieusiana não se reduz à “mecânica” simplificada que exporemos. O conjunto é mais complexo e mais sofisticado, mas a explicação da obra de maneira esquematizada permite melhor compreender o sentido, fazer o link entre conceitos e os alinhamentos da dinâmica global. Esses elementos são mobilizados na quase totalidade das análises sobre os campos literário e artístico, político, acadêmico, econômico, educativo ou científico. O campo é o metaconceito que estrutura o pensamento de Bourdieu, base de toda análise se reclamando dessa corrente. É seu ponto de partida que induz ao estudo de cinco outros conceitos estreitamente associado ao primeiro: o capital, o habitus, as práticas, a doxa e o *illusio*.

Estrutura estruturada: o campo como ponto de partida:

O campo é um dos conceitos centrais da obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos, como o campo da moda, da religião, o da política, o da literatura, o das artes e o da ciência. A estrutura do campo é como um jogo constante, no qual, cientes das regras estabelecidas, os agentes participam, disputando posições e lucros específicos.

O mundo social é constituído por espaços estruturados de posições, “os campos” (BOURDIEU, 1966). Esses últimos gozam de uma autonomia relativa e são agenciados de maneira conflitual em torno das posições (BOURDIEU, 1972) que muitos agentes sociais ocupam em relação ao volume e à estrutura do capital disponível e

detido. A posição dos agentes no campo determina suas margens de manobras. Cada campo está dotado de regras de funcionamento, de interesses característicos, de objetos e de agentes que possuem o habitus específico do campo. A configuração do campo depende das posições dos agentes, da relação de força e de luta que nela decorrem (BOURDIEU, 1980a). Isso faz com que uma dimensão consubstancial do campo seja a luta em torno da aquisição das diferentes formas de capitais (BOURDIEU, 1997b). Os campos aparecem assim como espaços de concorrência e de luta, habitados por dominantes e dominados. Cada campo é “a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e nos habitus”. (BOURDIEU, 1997a, p. 144). O campo limita os agentes em questões próprias que, a partir de outro ponto de vista, tornam-se invisíveis ou ao menos, insignificantes ou mesmo ilusórias (BOURDIEU, 1997a, p. 140)..

Determinante das posições e causa das lutas: a noção do capital:

O capital é um recurso, no sentido largo, que se declina sob quatro formas (BOURDIEU, 1979, 1992b, 1993, 1997a): a) o “capital econômico” ligado aos recursos patrimoniais ou à renda, b) o “capital cultural” que pode se tratar do capital no seu estado incorporado (cultura, linguagem, conhecimento dos códigos sociais, etc.) ou do capital no seu estado institucionalizado (diplomas e títulos); c) o “capital social”, conjunto das relações e redes que o indivíduo pode acionar, d) o “capital simbólico” enfim, expressão de autoridade e da legitimidade que induzem as outras formas de capital para o dinheiro em um campo determinado. Cada campo possui quatro formas de capitais, de maneira invariante. Podemos também encontrar capitais específicos, tais como o capital científico para o campo da pesquisa. O espaço social é assim pensado de maneira multidimensional e não se reduz aos recursos de ordem econômica, o que demarca a obra de uma concepção puramente marxista.

A violência simbólica em Bourdieu

Bourdieu observa que a autoridade pedagógica, ou seja, a legitimidade da instituição escolar e da ação pedagógica que nela se exerce, só pode ser garantida na medida em que o caráter arbitrário e socialmente imposto da cultura escolar é ocultado. Aliás, é central, em seu pensamento, a ideia de que toda forma de hierarquia social retira sua legitimidade do fato de a arbitrariedade, que está na origem de sua constituição, passar despercebida. Apesar de arbitrária e socialmente vinculada a uma dada classe, a cultura escolar precisaria, portanto, para ser legitimada, ser apresentada como uma cultura neutra. A autoridade alcançada por uma ação pedagógica, ou seja, a legitimidade conferida a essa ação e aos conteúdos que ela distribui seriam proporcionais à sua capacidade de se apresentar como arbitrária e não vinculada a nenhuma classe ou grupo social. Esse processo de imposição dissimulada de uma arbitrariedade cultural como cultura universal é denominada, pelo autor de “violência simbólica”.

Visto que o próprio Bourdieu defende que “nenhuma cultura pode ser objetivamente definida como superior a outra”, os valores e significados que orientam cada grupo social, no nosso caso (o grupo dos docentes brasileiros e o grupo dos docentes estrangeiros) em suas atitudes e comportamentos seriam, por definição, arbitrários, não estando, portanto, fundamentados em nenhuma razão objetiva, universal: “a seleção de significados que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrário na medida em que a estrutura e as funções desta cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, bio-

lógico ou espiritual, não estando unidas por nenhuma espécie de relação interna à natureza das coisas ou a uma natureza humana”.

Uma vez reconhecida como legítima, ou seja, como portadora de um discurso universal (não arbitrário) e socialmente neutro, a escola, na perspectiva bourdieusiana, passa a exercer, livre de qualquer suspeita, suas funções de reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Essas funções se realizariam, em primeiro lugar, paradoxalmente, por meio da equidade formal estabelecida pela escola entre todos os alunos. De acordo com Bourdieu (1983) em uma fórmula célebre contida em artigo “A escola Conservadora” publicada em 1966: “para que sejam favorecidos e desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças de diferentes classes sociais”. Tratando formalmente de modo igual, em direitos e deveres, quem é diferente, a escola privilegiária, de maneira dissimulada, quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado.

Nessa ótica, Bourdieu compreende a relação de comunicação pedagógica (o ensino) como uma relação formalmente igualitária, que reproduz e legitima, no entanto, desigualdades preexistentes. O argumento do autor é o de que a comunicação pedagógica, assim como qualquer comunicação cultural, exige, para a sua plena realização e aproveitamento, que os receptores dominem o código utilizado na produção dessa comunicação. Em outras palavras, a rentabilidade de uma relação de comunicação pedagógica, ou seja, o grau em que ela é compreendida e assimilada pelos alunos, dependeria do grau em que os alunos dominam o código necessário à decifração dessa comunicação. Para Bourdieu, esse domínio varia de acordo com a maior ou menor distância existente entre o árbitro cultural apresentado pela escola como cultura legítima e a cultura familiar de origem dos alunos. Para os alunos das classes dominantes, a cultura escolar seria sua cultura “natal”, reelaborada e sistematizada. Para os demais, seria algo como uma cultura “estrangeira”.

Bourdieu ressalta que, em relação às camadas dominadas, o maior efeito dessa “violência simbólica” exercida pela escola não é a perda da cultura familiar e a inculcação de uma nova cultura exógena (mesmo porque essa inculcação, como já se viu, seria prejudicada pela falta das condições necessárias à sua recepção), mas o reconhecimento, por parte dos membros dessa camada, da superioridade e legitimidade da cultura dominante. Esse reconhecimento traduziria numa desvalorização do saber e do saber-fazer tradicionais – por exemplo, da medicina, da arte e da linguagem populares, e mesmo do direito consuetudinário – em favor do saber e do saber fazer socialmente legitimados.

A formação do cientista conforme Bourdieu

Pierre Bourdieu é autor de uma vasta obra dedicada, em grande parte, à compreensão do que move as ações de um agente ou ator social na sociedade. Nesse contexto, Bourdieu (1983b) nos apresenta o conceito de “Prática” compreendida por ele numa perspectiva dialética que articula a estrutura social e o agente da e na estrutura.

Na construção de uma teoria da Prática, Bourdieu introduz o conceito de habitus para explicar a mediação entre agente social e sociedade. Para o autor, o habitus deve ser entendido como o resultado de um intenso processo de aprendizado que ocorre durante a relação entre os agentes e as estruturas sociais, através do qual normas, valores e competências vão sendo interiorizadas, constituindo-se, então, numa “matriz de percepção” que regula as ações do sujeito nos espaços sociais.

Nessa perspectiva, as Práticas e as representações são produtos de um ‘modus operandi’ do qual o agente social não é o produtor e não conhece os princípios que estão na gênese de seus esquemas de pensamento, da sua matriz perceptiva. O senso prático tende a desconhecer, portanto, o significado de seus comportamentos (BOURDIEU, 1983a; 1983b; destaque nosso).

O espaço social já estruturado, onde as posições dos atores encontram-se fixadas ‘a priori’, ou seja, onde as formas de interações entre os agentes são determinadas pelas relações objetivas entre as posições que eles ocupam, é o que Bourdieu denomina “Campo”. Os campos são relativamente autônomos (campo político, econômico, religioso, científico, etc.), e essa autonomia é resultante de um “lento e longo trabalho de alquimia histórica”, que vai estabelecendo as particularidades, seja em relação às regras de convivência, os compromissos, as alianças, as concorrências, a natureza dos conflitos, seja nas disputas e nos interesses que permeiam as relações entre os seus agentes (BOURDIEU, 1983c).

As relações estabelecidas em cada Campo são mediadas pelo “capital específico”. Por exemplo, para o Campo Econômico o capital exigido é o de valor do mercado financeiro, já para o Campo Científico é o capital cultural. Em virtude da distribuição desigual do capital entre os agentes, o Campo se particulariza como um locus de manifestação de relações de poder, dividido entre dois polos: dominantes – aqueles que detêm o maior capital – e dominados – com menor volume de capital. Essa relação de assimetria passa a definir o Campo como um espaço de luta concorrencial entre os agentes pela posse do capital que lhes garanta a dominação (BOURDIEU, 1983c).

Nesse sentido, se o Campo é espaço de luta é, ao mesmo tempo, ‘locus’ do consenso, pois, a luta pela obtenção do maior capital específico está envolvida numa necessidade de permanência no Campo, o que significa que concessões à heterodoxia ou à ortodoxia estão diretamente ligadas ao cálculo de possibilidades de permanência ou exclusão no Campo (BOURDIEU, 1983c; 1989).

Nessa compreensão, para Bourdieu (1983a), convém pensar a prática científica como algo exercido por alguém da e na estrutura. Isto equivale a dizer que o cientista só existe no contexto de uma crença coletiva nos fundamentos produzidos e supostos no seu próprio Campo. Para o autor a ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas estas invariantes são revestidas de formas específicas. Assim, no Campo Científico, toda a prática está orientada para a aquisição da autoridade científica (transmutada em prestígio, reconhecimento, celebridade etc.), e todas as estratégias visam assegurar a posição daqueles que definem o que pode ser considerado como verdadeiramente científico ou não. Nessa via de raciocínio, Bourdieu (1983c) afirma que não há “escolhas científicas” (de atividades, de métodos, disciplinas, dos lugares de publicação etc.) que não sejam mediadas pelo interesse na aquisição de autoridade, ou orientadas para a maximização do lucro científico, isto é, o reconhecimento dos pares-concorrentes.

AS PERSPECTIVAS DE USO NAS CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS: ARTICULANDO OS NÍVEIS DE ANÁLISE

A análise bourdieusiana pode elucidar muitas problemáticas de pesquisa em diversas áreas tais como marketing, teoria das organizações, administração de siste-

mas de informações, gestão de recursos humanos ou ainda gestão estratégica, nos focalizaremos nesse ensaio apenas em dois exemplos.

Uma das correntes de pesquisa atuais em gestão estratégica, a “estratégia como prática” (WITTINGTON, 1996; JARZABKOWSKI, 2005) ou a “estratégia como atividade” (JOHNSON et al, 2003) poderia consistir em um campo de aplicação. Caso no focalizássemos na relação processo-conteúdo e a relação micro-macro, essa abordagem tenta analisar a fundo a atividade estratégica. O objetivo é compreender e explicar, como a estratégia se fabrica no cotidiano pelas práticas, a linguagem, as rotinas, as regras enfim a atividade social ou geralmente a nível institucional e ambiental. A título de exemplo, para estudar a elaboração da mudança estratégica e organizacional, o objetivo consistiria em explicar a gênese de elementos visíveis como a cultura, as práticas, as rotinas, as resistências (...). A questão seria de desvelar a dimensão não revelada das ações e dos discursos sobre os fenômenos organizacionais e estratégicos a fim de compreender sua reprodução. O pesquisador não se satisfaz mais do estudo do “visível”, mas procura compreender o que provoca e mantém a cultura (o *habitus*, a *doxa*, e o *ilusão*), a origem da reprodução das práticas (o *habitus*, a dotação em capital e a *doxa*), as razões pelas quais alguns agentes lutam para manter as regras do jogo do campo (dotação em capital e posições no campo) ou ainda as causas pelas quais os agentes acordam um interesse nas regras do jogo (o *ilusão*). Assim, parece que mesmo as organizações aparentemente mais democráticas podem esconder modos de dominação, baseados em processos sutis de socialização e de crenças. Algumas técnicas de gestão podem ser assimiladas nesta perspectiva a um verdadeiro trabalho de naturalização da relação de dominação.

A outra pista promissora no uso de da sociologia de Bourdieu inscreve-se particularmente na perspectiva neo-institucional em teoria das organizações e diz respeito à problemática do trabalho institucional como “ações deliberadas dos indivíduos e das organizações visando a criar ou perturbar as instituições”. Nesse caso preciso, o quadro bourdieusiano permitiria demonstrar como os dominantes mantêm suas posições num campo controlando o acesso aos capitais, fixando as regras do jogo, alimentando e protegendo a *doxa*. A teoria de Bourdieu permitiria também de sublinhar como dominados de um campo, prontos para trocar as regras do jogo, devem procurar “fora do campo”, os capitais necessários para perturbar, vide mudar as instituições, e como a manutenção de uma instituição se baseia numa luta incessante entre agentes pertencente a um campo (...). Em suma, uma compreensão sistemática da sociologia de Bourdieu permitiria enxergar melhor os mecanismos de reprodução das instituições, o objetivo sendo de descrever, compreender e analisar os determinantes da dominação, objeto central de suas reflexões além de levar a uma imaginação das estratégias possíveis de se livrar deles.

Nesse sentido, a perspectiva bourdieusiana poderia servir de base para a renovação de muitas leituras na área de administração. Ela permite a articulação de níveis de análise, o que consiste em uma das dificuldades tradicionais em teoria das organizações. A teoria poderia também contribuir na compreensão do funcionamento sistemático de muitos fenômenos organizacionais, tais que a reprodução, a manutenção e a mudança das práticas em nível microscópico, a dominação inconsciente nas organizações, a elaboração da estratégia, a cultura organizacional, o empreendedorismo institucional ou ainda o trabalho institucional.

Finalmente, o projeto geral de Bourdieu é demonstrar que é em torno dos capitais que as lutas de poder em um campo encontram-se presentes. O volume do capital detido pelos agentes define suas posições. Aqueles que possuem uma dotação im-

portante em capital têm interesse na sua reprodução. Os outros se esforçam para fazer evoluir o equilíbrio das forças introduzindo novas regras do jogo, para promover tipos de capitais não possuídos pelos dominantes. Portanto, os dominados não percebem sempre que devem lutar para mudar as regras do jogo e para adquirir novos capitais, em razão da *doxa* e do *ilusio* do campo, transmitidos por meio do *habitus*.

A CRÍTICA E A REFLEXIVIDADE COMO ATITUDE ANALÍTICA

Duas dimensões guiam a caminhada de Bourdieu como pesquisador: a adoção de uma postura crítica que se dá através de uma sociologia de desvelamento e uma lógica de reflexividade sobre a posição acadêmica.

A atitude científica consiste em colocar à vista a “realidade” dos mecanismos de funcionamento social. Esta realidade está escondida, já que a *doxa* e o *ilusio* não permitem aos agentes e aos pesquisadores que o estudam de apreendê-lo (BOURDIEU, 1997a). O método crítico de Bourdieu não é apenas um julgamento, mas uma prática que tende a demonstrar os mecanismos subjacentes e geradores da produção e da reprodução das práticas institucionais (Bourdieu, 1997b). O papel do pesquisador/acadêmico nesta empreitada é central. De fato, o cientista é aquele que deveria permitir aos agentes de compreender suas práticas, seus *habitus*, o volume do capital à sua disposição, as ações para fazer evoluir suas posições no campo. Isto pode apenas funcionar que quando a *doxa* e o *ilusio* próprios ao campo são revelados, base da naturalização das dominações (Bourdieu, 1997a).

O percurso científico é então de desvelar a estrutura da realidade perturbando a ordem estabelecida e as relações de dominação naturalmente dissimuladas, enfiadas profundamente nos psiquismos e nos corpos, interiorizados pelos agentes. Trata-se de, segundo a leitura de CASTEL (2004) denunciar o desconhecimento das relações de força que, portanto, estão na origem das relações de sentidos. Segundo Bourdieu, apenas as ciências sociais são capazes de contradizer as estratégias de dominação e elas devem escolher entre duas vertentes: “colocar seus instrumentos racionais de conhecimento a serviço de uma dominação sempre mais racionalizada ou analisar racionalmente a dominação”. (Bourdieu, 1997a, p.121). Nesta perspectiva, as ciências das organizações seriam condenadas à uma ruptura crítica com as evidências e deveriam proceder então à desnaturalização, ao “desencanto”, ou seja, à historicização de seus objetos (HUAULT, 2004). Como escreve Bourdieu (1980b, p.26), pode se colocar a ciência a serviço da gestão da ordem estabelecida, “procurando técnicas adequadas”. Neste sentido, poderíamos reduzir as ciências de gestão a uma engenharia social tendo por função fornecer aos gestores uma racionalização de seu conhecimento prático. Mas, segundo Bourdieu, esse tipo de ciência está repleto de lacunas, visto que não pode ser radicalizado. Ora, a função de toda ciência social não é tanto de servir para algo, em outros termos, a alguém, mas sim e, sobretudo de compreender o mundo social e organizacional. E aí então sua função social propriamente dita.

Essa postura crítica encontra uma ilustração recente na análise, para Bourdieu (2000) no campo econômico. Na sua obra “*Les structures sociales de l'économie*” o autor desnaturaliza as leis econômicas segundo as quais a lógica econômica não é neutra, pois, para além da pura “objetividade das relações econômicas” se escondem relações de dominação. Nesse sentido, o mundo social encontra inteiramente presente em cada ação econômica. (BOURDIEU, 2000, p. 13). O fato de colocar o

habitus econômico consiste para o autor em sublinhar que a conduta econômica socialmente reconhecida como racional é produto de certas condições sociais. As preferências e os gostos dos agentes econômicos são o produto de suas articulações no campo, ou seja, a história coletiva e individual.

Na mesma perspectiva, o espaço da empresa é considerado como um campo de dominação e como um meio de relações de força. As lutas entre equipes por resultados nas organizações são uma ilustração. Os dirigentes são vistos como engajados na luta da concorrência ao seio do campo de poder da empresa. Nas maiores organizações segundo Bourdieu, a orientação para funções maiores na empresa está estreitamente ligada ao tipo de capital escolar detido e às trajetórias sociais e escolares geradoras de disposições específicas. Neste sentido, as teorias gerenciais, na sua maioria, superestimam a parte deixada às estratégias conscientes dos dirigentes em relação às contingências estruturais e às disposições dos agentes.

Finalmente, a sociologia de Bourdieu está impregnada de uma marca crítica que tem por objetivo o desvelamento das dominações.

UMA POSTURA REFLEXIVA

O desvelar das relações de dominação existentes nas organizações pelo pesquisador e dos obstáculos encontrados permitiram a Bourdieu de mostrar que o científico se torna muitas vezes cego devido à situação Skholé e sua razão escolástica (Bourdieu, 1984, 1997^a) e não pode desenvolver uma relação prática à prática. A Skholé se assimila ao lazer estudioso que permite considerar a pesquisa e o jogo que se cria em torno da mesma como um fim em si (Bourdieu, 1997). Esta situação é afastamento cria uma reificação da razão do pesquisador e de sua posição. Seu único objetivo passa a ser a preservação da posição adquirida ao seio do campo científico onde evolui. Essas relações são estruturadas em torno de questões, objetos e de interesses específicos que produzem lutas pela reprodução dos capitais (ou a emergência de novos capitais). O status quo é o resultado da reprodução de duas formas de capitais específicas ao campo científico (Bourdieu, 1984, 2000):

1) O capital científico ligado ao reconhecimento dos pares e ao acúmulo de trabalhos científicos. É pouco institucionalizado e pode ser trocado mais facilmente que a segunda forma de capital;

2) O capital temporal é a expressão do poder institucional. Está ligado aos acessos aos meios de produção (como os financiamentos) ou de reprodução (tais como as posições institucionais). É obtida através da cooptação e da inserção nos grupos de influência. A autonomia do campo científico é então parcial e depende de outros campos, notadamente econômico e político (Bourdieu, 2001). Os interesses de conhecimento se enraízam assim nos interesses sociais, estratégicos ou instrumentais.

Esta situação cria um mundo a par, o campo acadêmico, com sua própria racionalidade (a razão escolástica) que, em razão de sua dinâmica endogâmica produz um epistemocentrismo (Bourdieu, 1984, 2001). Este consiste em não tratar os objetos que estudamos em uma relação prática à prática, mas projetando sobre uma dada prática a teoria que construímos para explicá-lo. (Bourdieu, 1992, 1997).

Para compreender a realidade da prática dos agentes e de neutralizar este efeito escolástico, a questão para o pesquisador é de fazer uma “objetivação participante”. (Bourdieu, 1992, 2001, 2003). A objetivação (no sentido do conhecimento) da relação subjetiva do sociólogo a seu objeto (sua participação no objeto que analisa) faz parte das condições de cientificidade de sua pesquisa (Corcuff, 2003). Trata-se de

um exercício particularmente difícil “pois a objetivação participante requer a ruptura das adesões e das aderências mais profundas e mais inconscientes, aquelas que fazem “o interesse” do objeto estudado por aquele que estuda todo aquilo que ele menos conhecer sobre um objeto de estudo” (Bourdieu, 1992, p. 224).

Em última análise, o método de Bourdieu permite uma volta às metodologias mais reflexivas que tentam compreender as ações humanas e organizacionais por uma relação prática à prática. Para escapar ao fechamento escolástico, Bourdieu (1997) preconiza não se departir das tarefas consideradas as mais humildes do *métier* de pesquisador, tais como a observação direta, as entrevistas, a codificação dos dados ou a análise estatística.

IN(CONCLUSÕES)

A utilização da sociologia de Bourdieu cujo balanço teórico e empírico é considerável pode ser fecunda para as ciências da gestão. O que se nota é o seu pouco uso nos campos de pesquisa em administração ou seu uso seja de maneira parcelar ignorando deste fato a postura crítica. A transposição dos conceitos bourdieusianos nas ciências de gestão é de fato operada de forma instrumental e seletiva, reduzindo-os a uma “caixa de ferramentas” que impedem assim a dinâmica do conjunto e seu espírito crítico. Tal fato resume o tom das críticas formuladas à sociologia de Bourdieu e à sua pessoa. Os ataques de ordem mais científica demonstram sua parcialidade (LAHIRE, 2001), suas contradições e uma heterogeneidade manifesta. (CORCUFF, 2003) ou ainda a falta de aprofundamento quanto à sua dinâmica sistêmica (CAILLÉ, 2005). Esses dois últimos pontos estão muito provavelmente à origem de uma parte das interpretações parciais da obra de Bourdieu nos estudos em administração.

Nessa veia, críticas clássicas são formuladas a essa teoria. Alguns a consideram como muito focalizada nos mecanismos de reprodução, por isso, não daria conta de explicar a mudança, as evoluções da posição dos agentes, a produção de novos *habitus* num sistema social inteiramente interiorizado. O determinismo social seria particularmente presente num paradigma onde os agentes (particularmente os dominados) são desprovidos de todo espírito crítico (FAVEREAU, 2001, p. 293). O próprio autor formula sua crítica em termos mais radicais ainda. A interpretação bourdieusiana consistiria em ver as sociedades como máquinas a reproduzir, segundo as modalidades sofisticadas mais implacáveis, sem falhas nem lacunas. Ela ocultaria a consideração dos níveis intermediários, como as organizações, entidades decisórias e “regulacionais” onde acontece o processo de negociação que permite escapar da reprodução.

Apesar das críticas, as controvérsias e os debates, a obra de Bourdieu marca incontestavelmente o conjunto das teorias do social. De fato, ela constitui um pensamento particularmente estimulante na sua concepção, complexo nas suas sutilezas e nuances que ela contém difícil na atitude científica que ela exige. É provavelmente neste último ponto, particularmente na dimensão crítica, que o aporte para as ciências das organizações é mais notável, mesmo si, nesse campo preciso, esta postura é raramente exposta nas releituras de sua obra. De fato, o sistema bourdieusiano oferece um quadro reflexivo, baseado na objetivação participante, e uma conversão do olhar para melhor apreender a “realidade” das nossas práticas e, de maneira geral, a das práticas organizacionais.

REFERÊNCIAS

ALVESSON, M; WILLMOTT, H. **Studying Management Critically**. Alvesson M. (Eds), Sage Publications, London, 2003. p. 1-22.

ANDERSON, P. F. **Marketing scientific progress and scientific method**. Journal of Marketing, vol. 47, 4, 1983 – p. 18-31.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.); FERNANDES, F. (Coord). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983b. p.46-81.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.), FERNANDES, F. (Coord.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983c. p.122-155.

_____. Trabalhos e projetos. In: ORTIZ, R. (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a. p.38-45.

_____. **Le champ économique**. Actes de la recherche em sciences sociales, n. 119, 1997b, p. 48-66.

_____. **Homo Academicus**. Les Éditions de Minuit. Paris, 1984.

_____. **Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire**. Seuil, Paris, 1992a.

_____. **La distinction, critique sociale du jugement**. Minuit, Paris, 1979.

_____. **Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire**. Seuil, Paris, 1992b

_____. (sous la direction de). **La misère du monde**. Seuil, Paris, 1993.

_____. **Méditations pascaliennes**. Seuil, Paris, 1997a.

_____. **Les structures sociales de l'économie**. Seuil, Paris, 2000.

_____. **Les structures sociales de l'économie**. Seuil, Paris, 2000.

_____. DARBEL, A. SCHNAPPER, D. **L'amour de l'art, les musées d'art européens et leur public**. Minuit, Paris, 1966.

_____. **Le sens pratique**. Minuit, Paris, 1980a

_____. **Questions de sociologie**. Minuit, Paris, 1980b

BRADBURY, H.; LICHTENSTEIN, B.M. **Relationality in organizational research: exploring the space between**. Organization Science, vol. 11, n. 5, 2000, p. 551-564.

CAILLÉ, A. **Don, intérêt e désintéressement**. Bourdieu, Mauss, Platon et quelques autres. La découverte/ MAUSSE, Paris, 2005. Edition augmentée de la première version de 1994.

CASTEL, R. **Entre la contrainte sociale et le volontarisme politique**, la liberté para la connaissance. Bouveresse J. , Roche D. (Dir), Odile Jacob, Paris, 2004, p. 303-317.

CORCUFF, P. **Bourdieu autrement** : fragilités d'un sociologue de combat. Textuel, Paris, 2003.

DiMAGGIO, P. **The iron cage revisited. Isomorfism and Collective Rationality in organizational fields**. American Sociological Review, Vol. 48, 2, 1983 – p. 147 – 160.

FAVEREAU, O. **L'économie du sociologue ou: penser (l'orthodoxie) á partir de Pierre Bourdieu**. Le travail sociologique de Pierre Bourdieu. Dettes et Critiques, Lahire B. (dir), Paris, la Découverte, 2001.

FELDMAN, M. S. **Organizational routines as a source of continuous change**. Organization Science, vol. 11, n. 6, 2000. P. 611-629.

FIRAT, A. F.; VENKATESH, A. **Liberatory Postmodernism and the Reenchantment of Consumption**. The Journal of Consumer Research, vol. 22, n. 3, 1995, p. 239-267.

_____. **Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie**. Kabyle, Droz, Genève, 1972.

GOLSORKHI, D. **Pierre Bourdieu: critique et réflexivité comme attitude analytique**. Revue Française de Gestion. Vol. 32, 2006, Iss. 165; p. 15-36.

HUAULT, I. (éd). **Institutions et gestion**. Paris, Vuibert, 2004.

HORLBROOK, M. B. **Popular appeal versus Expert Judgments of Motion Pictures**. The Journal of Consumer Research, vol. 26, n. 2, 1999, p. 1-40.

HOLT, D.B. **How consumers consume: a typology of consumption practices**. The Journal of Consumer Research, vol. 22, n. 1, 1995, p. 1-16.

JARZABOWSKI, P. **Strategy as practice**. An activity-based approach. Sage, London, 2005.

JOHNSON, G; MELIN, L; WHITTINGTON, R. Guest Editors. **Microstrategy and Strategizing: towards an activity based view**. Journal of Management Studies, Vol. 40, n. 1, p. 3-22.

LAHIRE, B. (sous la direction de) **Le travail sociologique de Pierre Bourdieu. Dettes et Critiques**. Editions la Découverte & Syros, Paris, 2001 (édition revue et augmentée).

RANSON, S.; HINNINGS, B.; GREENWOOD, R. **The structuring of organizational structures.** Administrative Science Quarterly, vol. 25, n. 1, 1980, p. 1-17.

WHITTINGTON, R. **Strategy as practice.** Long Range Planning, Vol. 29, 5. 1996. P. 731-735.

WILLMOTT, H. **The structuring of Organizational Strucutre: a note.** Administrative Science Quaterly, vol. 26, n. 3, 1981, p. 470-474.